

A CONTRIBUIÇÃO DO MÉTODO PEIRCIANO À PESQUISA EM EDUCAÇÃO: RELAÇÕES ALUNO-PROFESSOR CONHECIMENTO

(Autora)¹; Maria Amélia Silva Santos

(Orientadora) Ada Augusta Celestino Bezerra.

Universidade Tiradentes- UNIT www.unit.br

RESUMO:

As interações aluno–professor-conhecimento viabilizam o ensino/pesquisa/extensão na educação escolar, influenciando o desempenho do aluno e do professor. A socialização, a reconstrução e a superação da cultura acumulada pela humanidade, dão-se graças ao sistema educacional, especialmente, dentro e fora da sala de aula. O presente artigo busca demonstrar o método peirciano, cuja maior contribuição refere-se à Filosofia (com o pragmatismo) e à Teoria da Comunicação. Trata-se de um trabalho com discussões bibliográficas, as quais evidenciam que o signo é um meio de transmissão das formas fundantes dos conceitos e de comunicação dos diferentes agentes ou segmentos da comunidade. Essa sua especificidade também é aplicável à educação na sua perspectiva (pragmatismo), pois que nessa área lida-se também com conceitos e interações. Para tal, tem-se como objetivo principal demonstrar o método peirciano como via de contribuição à pesquisa na construção do conhecimento relacionado tanto ao corpo docente quanto ao discente. Nesse sentido, faz-se uma contextualização do método abduutivo relacionando-o na construção do conhecimento da sala de aula, aliado a isso, o incentivo à pesquisa.

Palavras-chave: Pesquisa, método peirciano, relação aluno-professor-conhecimento.

Introdução

Por entender a importância da pesquisa na construção do conhecimento pelo aluno, com a mediação do professor na sala de aula (ou fora dela) com vistas à independência e criticidade discentes, assim como na formação do docente, que lida com conceitos e a necessidade de associar teoria e prática, considerando os diferentes contextos, considero que o método abduutivo, exposto por Peirce (apud ECO; SEBEOK, 2008), pode contribuir nessa relação, na perspectiva do pragmatismo.

O método abduutivo (aqui designado método peirciano), foi desenvolvido por Charles Sanders Peirce (1839-1914), sendo demonstrado nos ensaios do livro: O signo de três, organizado por Umberto Eco e Thomas A. Sebeok (2008). Com essa metodologia, procura-se estabelecer o conhecimento por meio de hipóteses, em que não se pode ter o

resultado antes de uma pesquisa que considere o sim ou não diante da evidência, desse modo despertando e exercitando o espírito investigador.

Neste artigo, a revisão da literatura evidenciou que o signo é um meio de transmissão das formas fundantes dos conceitos e de comunicação dos diferentes agentes ou segmentos da comunidade. Essa sua especificidade também é aplicável à educação na sua perspectiva (pragmatismo), pois que lidamos também com conceitos e interações.

A semiótica, conceito utilizado para o entendimento do pensamento do método abduutivo, indica “inferência de um sinal” desde a antiguidade. Trata-se da teoria dos signos que foi usada desde os sofistas a filósofos como Platão e Aristóteles. Na Idade Média, foram os lógicos e gramáticos quem desenvolveram estudos semióticos. Na contemporaneidade, podemos citar Peirce (apud ECO; SEBEOK, 2008), como um dos estudiosos que consideram a tese de que a semiótica assegura que os pensamentos só são possíveis por signos, sendo, assim, a teoria geral dos signos.

Considerando o recorte utilizado nessa revisão bibliográfica, tem-se como objetivo principal demonstrar o método peirciano como via de contribuição à pesquisa na construção do conhecimento relacionado tanto ao corpo docente quanto ao discente. Nesse sentido, primeiro, faz-se uma contextualização do método abduutivo apresentado no livro, no âmbito da teoria da semiótica em que Peirce (apud ECO; SEBEOK, 2008), é um dos representantes contemporâneos. Em um segundo momento, ressalta-se a importância da pesquisa na prática educativa.

A pesquisa em questão será baseada na pesquisa bibliográfica, tendo como suporte teórico, o levantamento da revisão bibliográfica de autores empenhados a discutir os temas que direcionam o objetivo deste trabalho, como Eco e Sebeok (2008) que trata do método peirciano e sua inovação no sistema educacional, Saviani (2013) que traz as práticas educacionais ao longo da história, com vistas a apresentar de maneira breve os períodos que retratam a forma como a educação era nortada, Xavier; Brito; Casimiro (Freire, 2002, não paginado) que nos explicam sobre a importância da pesquisa no incentivo a descobertas de novos horizontes na educação básica, considerando tanto o discente, quanto o docente dentro desses contextos de mudanças de práticas educacionais.

1 O método abduutivo e a inovação na pesquisa

No livro “O signo de três”, organizado por Eco e Sebeok (2008), são evidenciados métodos científicos através de vários autores, em 10 ensaios e abordagens diferentes. Dentre os métodos demonstrados, encontram-se os dedutivo, indutivo e abduutivo.

Os métodos indutivo e dedutivo sempre tiveram prestígio nas ciências clássicas e tradicionais por serem consideradas pelo racionalismo cartesiano como legítimas na investigação, por partirem de um raciocínio matemático, uma lógica divulgada sob “intuição”, sem o estabelecimento de qualquer cognição prévia. Todo método que fugisse desse raciocínio não seria considerado pela ciência. Dentro desse contexto de privilégios e exclusões Peirce (apud ECO; SEBEOK, 2008), opõe-se e busca a desconstrução dos métodos cartesianos (indutivo e dedutivo), inovando através de um método original, o abduutivo.

Esse método está presente nos ensaios do citado livro, corroborando a tese de que é por meio de hipóteses que podemos aproximarmo-nos de novas verdades, mesmo que sejam provisórias e aproximadas. É pela ousadia de novas abduções que o pesquisador chega mais longe no resultado de uma pesquisa, pois seu resultado pode ser refutado a qualquer momento. Nesse âmbito, de aproximações e averiguações, a construção do conhecimento é entendida como geradora de autonomia, reveladora do espírito investigador, o que na educação formal é desejável.

Não há uma relação direta do que se fala com o mundo extralinguístico; por isso a ideia de se pensar por signo não se fecha num significado predeterminado. Nesse sentido, a abdução, ou "o primeiro degrau do raciocínio científico" bem como o "único tipo de argumento que inicia uma nova ideia", é um instinto que confia na percepção inconsciente das conexões entre os aspectos do mundo, [...] é a comunicação subliminar de mensagens (ECO; SEBEOK, 2008 p. 23).

Peirce (apud ECO; SEBEOK, 2008), através da semiótica moderna, relaciona esse método com tríades, pelas quais demonstra que todo pensamento se dá por signos, e, pensar por signos rompe a tradição da intuição, a qual foi privilegiada ao longo dos séculos pelo racionalismo cartesiano. Uma das tríades (signo-símbolo, signo-índice e signo-ícone) é diferenciada por Armengaud (2006) como um signo que é símbolo quando sua representação é associada por convenção; o signo é índice quando cada uma de suas ocorrências vincula-se, exclusivamente, àquilo que apresenta como índice, numa espécie

de relação física, enquanto que o signo é ícone quando tem propriedades semelhantes às do objeto (uma semelhança partilhada entre o próprio signo e o objeto).

Peirce (apud ECO; SEBEOK, 2008), entende que "a retrodução se funda na confiança de que há suficiente afinidade entre a mente do raciocinador e a natureza para tornar a suposição algo confiável, uma vez que cada suposição é confrontada com a observação através da comparação" (ECO; SEBEOK, 2008 p. 20).

Realiza-se uma abdução quando se procura expressar em uma sentença algo que se vê. Para Peirce (apud ECO; SEBEOK, 2008), o homem pensa por signos, pois o único pensamento que conhecemos é o pensamento por signos. Não existe signo em si por natureza, mas qualquer coisa e todo aspecto de uma coisa pode vir a ser signo, ou seja, entrar no processo triádico da semiose (ARMENGAUD, 2006). Essa semiose refere-se ao processo de significação.

Por causa do contexto e das multifaces do signo, de acordo com o interpretante, não dá para induzir ou deduzir, mas apenas para investigar um resultado que não se sabe ao certo o valor final. Peirce (apud ECO; SEBEOK, 2008), "afirmava que uma hipótese deve sempre ser considerada como uma pergunta e, embora todo o conhecimento novo surja de conjecturas, elas são inúteis sem o teste de averiguação" (ECO; SEBEOK, 2008 p. 29).

Por isso, entende-se que, esse tipo de método, se faz presente na educação formal quando desenvolve o método científico, tanto para os docentes quanto para os discentes; não se espera um resultado pronto e acabado das relações de conhecimento entre eles, mas sim um contínuo investir nesse espírito científico de que a verdade depende do ponto de vista de quem vai a interpretar. [...] uma abdução nos permite formular um prognóstico geral, mas sem garantia de um resultado bem sucedido; ao mesmo tempo, a abdução, enquanto um método de prognosticação, oferece "a única esperança possível de regular racionalmente nossa conduta futura (ECO; SEBEOK, 2008 p. 9).

Assim, o professor em sala de aula, na relação com o aluno, necessita do espírito investigador para que possa entender a importância das hipóteses em atividades e instigá-lo a pensar sobre possibilidades de respostas que explicariam tal fato, dentro daquele contexto situado. O aluno, por sua vez, ao levantar hipóteses numa determinada situação, se possibilita a entender o contexto no qual o texto se insere e, nesse momento, o

estabelecimento do conhecimento é efetivado, de maneira que se perceba sua construção com “ideias” que vão além do explícito.

Nessa medida, o que se espera da introdução desse método nas aulas sugere um grau mais elevado de criticidade sobre o fato observado, o que traz ganhos observáveis no aprendizado adquirido no dia a dia da sala de aula.

2 Relação professor-aluno

Considerando as ideias pedagógicas formuladas na história da educação do Brasil, no livro História das Ideias Pedagógicas no Brasil, de Dermeval Saviani (2013), observa-se que elas estiveram na base das práticas educacionais ao longo da história do país. Ao demonstrar essas ideias no decorrer dos oito períodos, os quais estão delimitados no tempo, evidencia que educação no Brasil, esteve predominantemente baseada em uma visão tradicional e marcada pelo cartesianismo.

No primeiro período delimitado de 1549 a 1759, Saviani (2013) apresenta o monopólio da pedagogia tradicional, orientada pela vertente religiosa; o segundo de 1759 a 1932 adiciona a leiga pedagogia tradicional às vertentes religiosas; no terceiro período, de 1947 a 1961, já ressalta um equilíbrio da pedagogia tradicional com a pedagogia nova; no quinto, entre 1961-1969, registra uma predominância da pedagogia nova; o sexto (1969-1980) é marcado pela pedagogia tecnicista como concepção analítica de filosofia da educação; o sétimo período, de 1980 a 1991, retrata a emergência da pedagogia histórica-crítica; o oitavo (1991-1996) é aquele em que as ideias pedagógicas, assumem novas configurações: a neoconstrutivismo, o neotecnicismo e o neoescolanovismo.

Dentro desse contexto, de uma concepção mais aceita que outra em determinada época, por conta também do contexto inscrito que influencia nas ideias, Saviani (2013) desafia o pesquisador a ser sujeito da própria ação, influenciando, na perspectiva dialética, a ideia de emancipação social, contrapondo-se às ideias pedagógicas que sempre influenciaram a história da educação no Brasil, agora revestidas de “novas” práticas educacionais.

Dentro desse contexto, a relação aluno-professor-conhecimento merece uma reflexão, pois quando se propõe educar formalmente alguém, precisa-se estar ciente de

que quem aprende (o aluno) possui uma razão, como a de quem ensina; contudo o aluno é um sujeito singular, dono de uma complexidade específica e, essa singularidade ou complexidade específica, vai ser colocada a favor ou contra a aprendizagem. Ele depende do docente nesta relação, no entanto, o trabalho intelectual é dele. Aquele que aprende, caso não se disponha ao trabalho, não logrará aprendizagem; haverá frustração. Assim, quem ensina também se sentirá frustrado. Essa relação revela uma interação de contra conexão, pois ao mesmo tempo em que há o poder do ensinante sobre o aprendente, há, também, um enorme poder de quem aprende sobre quem ensina, porque o sucesso de quem ensina depende, essencialmente, de que o aprendente realize o essencial no trabalho.

O docente ao instigar o processo de pesquisa no campo da educação, associa-o ao ensino e à extensão, para que o educando assuma sua posição de sujeito e não apenas parte de uma história. Todo professor que age como investigador, passa a ser capaz de atualizar o currículo da escola, aperfeiçoando-o a partir das necessidades autênticas de seus alunos. Dessa forma, a pesquisa em sala de aula, ou fora dela, torna-se uma ampla aliada dos métodos de ensino e de aprendizagem, desde os anos iniciais e finais da educação básica. É necessário refletir sobre essa prática educativa, para evitar a reprodução alienada, criando possibilidades para que o aluno produza e construa conhecimentos. A pesquisa é fundamental, pois quem conhece é capaz de intervir de forma competente, crítica e inovadora na realidade.

Assim, há a necessidade de dispor o aluno diante de novas tarefas, novas possibilidades de busca para que vá além do que foi dito, visto nos livros, que possa interpretar, criticar, de maneira que se sintam à vontade para experimentar, pesquisar. Portanto, os alunos precisam ser preparados para uma constante busca do conhecimento. Discentes e docentes, sujeitos da própria ação, assim como Saviani (2013) nos ensina, em que participam simultaneamente de todo o processo escolar, em que ambos ensinam e aprendem.

Nessa medida, vale ressaltar a importância da pesquisa na relação aluno-professor-conhecimento. Para que tanto o aluno quanto o professor se utilizem da pesquisa como prática cotidiana é importante destacar que as técnicas de pesquisa sejam discutidas e elaboradas num processo consciente, sabendo das vantagens e desvantagens propiciadas na pesquisa, pois se o aluno pesquisa, inicialmente, sobre temas que são

interessantes pra eles, que partem do universo do aluno, o gosto pelo despertar da pesquisa contribui para a busca do conhecimento, de maneira efetiva, contudo, se os temas a serem investigados não são direcionados à realidade que eles participam, pode acontecer o efeito contrário. Os primeiros passos para a pesquisa, ainda na educação básica, são cruciais para os passos futuros.

Ainda mais, a busca pelo conhecimento pode ser estimulada em diferentes contextos de pesquisa, não limitá-lo aos livros, permitir que além desses, possam ter acesso à internet, revistas, etc. Por isso dizer que a “pesquisa é a busca do conhecimento a partir de várias fontes, analisadas sob diferentes aspectos, tanto para aprender como para ampliar o conhecimento. A pesquisa é uma atividade que está presente em vários momentos do nosso cotidiano; pode ser realizada individualmente ou em grupo. Requer interesse, tempo, disponibilidade, senso crítico, critérios” (Xavier; Brito; Casimiro, p. 1).

De acordo com os estudos em Freire (2002), levando em conta o papel docente, o ensino não se restringe ao mero ato de repassar conhecimento. Desse modo, o espaço para que o aluno construa seu próprio conhecimento precisa ser considerado, sem a preocupação em repassar conceitos prontos, o que frequentemente ocorre na maioria das vezes que não se considera a construção do conhecimento investida pelo próprio aluno. Assim, não se pensa no ensino como forma de transferir conhecimento, mas sim, de criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Para o autor, a curiosidade que instiga a possibilidade de mudança e inquietação que é preciso na busca do conhecimento, tanto para quem aprende, quanto para quem ensina.

Segundo Freire (2002), a educação de maneira geral precisa ser promovida como ampliadora dos horizontes do educando, desse modo, caracterizada como “problematizadora”, na medida em que o docente questiona e eleva a criticidade do aluno diante dos saberes prévios que ele carrega consigo. Antes de tudo, os aspectos histórico-culturais dos alunos precisam ser respeitados na construção saber, mas na busca de desvelar estigmas, preconceitos, estereótipos, o professor busca torná-los críticos justamente através desse saber prévio, que se apresenta como senso comum.

Conclusão

Em síntese, fica demonstrado o esforço de compreensão da teoria semiótica da comunicação que Peirce (apud ECO; SEBEOK, 2008) propõe, compondo o paradigma monista, baseado na realidade e em uma metafísica fundada na análise das relações lógicas dos diferentes aspectos do signo, a partir da matemática e da fenomenologia.

Sua perspectiva aproxima-se da pedagogia histórico-crítica, de fundamento dialético, quando não distingue o sujeito do objeto, a mente do corpo (espírito da matéria), assim como quando avança no sentido da transdisciplinaridade (em oposição à fragmentação, às divisões das ciências), da estética e da ética.

Assim sendo, conclui-se afirmando que a pesquisa no espaço da educação escolar não tem apenas o papel de produção do conhecimento, por parte de alunos e professores, via método abduutivo, mas também de construir, por meio de interações, uma relação de compromisso com a intervenção na realidade, com mudanças no espaço em que se insere (através da pedagogia histórico-crítica).

Do ponto de vista da pesquisa na educação básica, entendemos que seja importante estimular o hábito desde cedo para que além de crítico, o aluno seja autônomo de sua própria ação, de modo que haja a relação necessária entre o aluno e o professor na busca do conhecimento, o professor, por sua vez, necessita estar em constante atualização para entender o momento certo de mudar, de direcionar o caminho numa outra perspectiva.

Referências

ARMENGAUD, Françoise. **A pragmática**. Tradução Marcos Marciolino. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

CASEMIRO, Keila da Fonseca; Aline Pinto; XAVIER, Kelli Reis da Silva. **A Pesquisa no Ensino Fundamental**: Fonte para construção do conhecimento. 2002. Disponível em www.educacaopublica.rj.gov.br Acesso em 25 ago. 2018.

ECO, Umberto; SEBEOK, Thomas A. **O signo de três**. 2. reimpr.. São Paulo: Perspectiva, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.



SAVIANI, Demerval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas, SP:

Autores Associados, 2013.